

A IMPORTÂNCIA DA FEIRA DE CIÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE MOSSORÓ/RN

Maria Kéllia de Araújo Duarte¹
Antonia Milene da Silva²
Ana Karolina Barboza Bezerra³
Heloíza Aline Pereira Silva⁴
Lúcia Helena Alves⁵
Cristiane de Carvalho Ferreira Lima⁶

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões advindas da orientação de trabalhos científicos realizada por professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino em Mossoró, RN. Os trabalhos foram apresentados por alunos nas Feiras de Ciências Kids, no período de 2022 a 2024. A importância dessa atividade no desenvolvimento da oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental é o foco desta pesquisa, do tipo exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, sustentada por documentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), e por estudos sobre metodologia científica e linguagem oral (Geraldi, 2001; Azevedo 2016)). O relato de experiência foi o instrumento utilizado na captação de dados do processo investigativo. Inicialmente, as professoras participaram de processos formativos oferecidos pelo “Programa Ciência para Todos no Semiárido Potiguar”, na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Depois, fizeram a “tempestade de ideias” com os alunos, que escreveram suas curiosidades, estas agrupadas por temas. Tudo foi registrado pelos estudantes no “Diário de Bordo”. Ao apresentarem os resultados dos estudos, os alunos demonstraram clareza, organização das ideias e boa articulação das palavras. Além disso, expressaram seus pontos de vista, baseados nos estudos e nas descobertas, demonstrando segurança e desenvoltura. Pode-se dizer, então, que trabalhar com pesquisa nos anos iniciais favorece o desenvolvimento de diferentes linguagens nas crianças, até mesmo naquelas que com deficiências, como uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que conseguiu evoluir no seu repertório vocabular e expressar em palavras o que aprendeu nas fases da pesquisa. Logo, a Feira de Ciências se constitui uma atividade imprescindível na formação do sujeito, por possibilitar aos pesquisadores mirins a oportunidade

¹ Professora da Educação Básica; mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, kelliaraújo4@gmail.com;

² Professora da Educação Básica; mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, amilenes@hotmail.com;

³ Graduada em Matemática pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, anakarolinabb90@gmail.com;

⁴ Professora da Educação Básica; mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, heloizaaps@educacao.prefeiturademossoro.com.br;

⁵ Especialista em Psicologia escolar e da educação pela Faculdade Integrada de Patos, lucia.helena0@hotmail.com;

⁶ Coordenadora da Feira de Ciências do Semiárido Potiguar e Bióloga da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA; doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, cristianecarvalho@ufersa.edu.



de se expressarem e de interagirem, além de contribuir para a divulgação do conhecimento científico na comunidade escolar.

Palavras-chave: Feira de Ciências, Linguagem oral, Aprendizagem, Conhecimento, Desenvoltura.

INTRODUÇÃO

As Feiras de Ciências configuram-se, atualmente, como símbolo de inovação, criatividade e avanço nas instituições escolares, por possibilitar o desenvolvimento da oralidade das crianças, dentre outros aspectos da aprendizagem. De acordo com o documento “Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica - FENACEB”, elaborado pelo MEC, em 2006, as feiras de ciências iniciaram-se no Brasil no início do ano de 1960. São eventos sociais, científicos e culturais realizados nas escolas ou na comunidade com a intenção de, durante a apresentação, oportunizar um diálogo com os visitantes, constituindo-se na oportunidade de discussão sobre os conhecimentos, metodologias de pesquisa e criatividade das crianças/estudantes em todos os aspectos referentes à exibição de trabalhos (MANCUSO, 2006 apud BRASIL, 2006, p. 20).

Com um caráter pedagógico e cultural, essas atividades facilitam a troca de informações, integrando conhecimentos e oferecendo oportunidades de participação para crianças/estudantes e professores de diversas disciplinas, abrangendo os conteúdos, habilidades e conhecimentos dos estudantes junto a iniciação científica e inovação, buscando o desenvolvimento de uma cultura científica nas escolas através dos projetos que são elaborados pelos estudantes e apresentados nas feiras escolares e posteriormente na Feira de Ciências da Rede Municipal de Ensino - FECIRME.

As Feiras de Ciências foram se tornando ao longo do tempo, uma prática de ensino bastante difundida, haja vista promover a interdisciplinaridade, a contextualização e a divulgação científica (Macedo, 2021; Araújo, 2015), tornando a ciência um princípio educativo. Desde seu início, as feiras tem por objetivo produzir, divulgar e popularizar o conhecimento científico, fazendo com que os estudantes dialoguem com o público assuntos que ele dedicou interesse, tempo, curiosidade, para que finalmente desenvolvesse a desenvoltura para expressar sua visão desse conhecimento (VICTORIO et al., 2020).

Ribeiro (2015), ao falar das Feiras de Ciências atuais, afirmou que buscam o desenvolvimento de trabalhos investigativos, ao invés de demonstrativos. Desde a



definição do tema a ser estudado, a criança/estudante se apresenta como sujeito ativo do aprendizado, sendo o professor um mediador do conhecimento construído, estimulando essas crianças/estudantes a participarem ativamente do processo.

Além disso, garantirá às crianças/estudantes o direito à educação plena, conforme preconiza a LDB nº 9394/96, em seu artigo 4º, quando diz que a “[...] alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos” (Brasil, 1996).

Na 12ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (12ª DIREC) de Mossoró, essa atividade tem priorizado o uso da tecnologia social Metodologia Científica ao Alcance de Todos (MCAT), implementada no programa de extensão "Ciência Para Todos no Semiárido Potiguar", conduzido pela Universidade Federal Rural do Semiárido desde 2007. Essa metodologia é considerada um instrumento crucial para a iniciação científica nas escolas da educação básica e para a realização das Feiras de Ciências no âmbito escolar.

Diante do exposto, este estudo tem o objetivo de, a partir da prática de professoras de turmas do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas da Educação Básica da cidade de Mossoró-RN, suscitar reflexões sobre a contribuição das Feiras de Ciências Kids e da MCAT para o desenvolvimento da oralidade por parte dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo, do tipo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, foi utilizada, inicialmente, a metodologia da revisão bibliográfica, a fim de aprofundar os conhecimentos sobre metodologia científica, alfabetização, letramento e oralidade. Em seguida, por meio do relato de experiência, buscou-se compreender o trabalho desenvolvido por duas professoras de turmas do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental na orientação de projetos participantes das Feiras de Ciências Kids, realizadas no período de 2022 a 2024, bem como a contribuição dessa atividade para o desenvolvimento da oralidade dos alunos.

A situação prática aconteceu em duas escolas, ambas em turma de 4º ano do ensino fundamental nos anos iniciais. Na Escola Municipal Paulo Cavalcante de Moura. A referida instituição está situada na Av. Celina Viana, nº 100, no bairro Alto do Sumaré,



em Mossoró/RN, e atende 494 alunos, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. A outra escola foi a Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, situada na Rua Nossa Senhora Do Rosário, 1673- Santa Delmira II que atende a 298 alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Azevedo (2016, p. 46), a MCAT é uma metodologia de capacitação de alunos e professores com vistas à elaboração e ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e à participação em Feiras de Ciências. Remete à intenção da produção do conhecimento a partir do desejo do homem de compreender os fenômenos sociais e a si mesmo, utilizando para isso a ciência.

A Feira de Ciências assume um papel importante no aprendizado dos alunos na medida em que, além do conhecimento científico, eles desenvolvem outras habilidades, tais como: organizar o pensamento; exercitar a oralidade e escrita; e aprender a realizar pesquisa conforme os preceitos científicos, como a observação, a formulação de hipóteses, experimentação e análise, o que torna o aprendizado mais dinâmico e permitindo a compreensão prática de conceitos teóricos estudados em sala de aula.

Portanto, ao adotar essa atividade em seu currículo, a escola estará mais propensa a cumprir com sua função social de formar cidadãos conscientes, reflexivos e com alfabetização plena. Além disso, estará garantindo aos alunos o direito à educação, conforme preconiza a LDB nº 9394/96, em seu artigo 4º, quando diz que a “[...] alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos” (Brasil, 1996).

Dentre as habilidades acima citadas, o desenvolvimento da oralidade e da escrita tiveram maior conotação, pois ao lerem diferentes gêneros textuais acerca dos temas que envolviam os projetos de pesquisas, foram compreendendo que existem as variantes linguísticas, e que eles podem adequá-la a norma dita padrão.

De acordo com Bagno (1997), é imperioso reconhecer que as diferentes variações da nossa língua são válidas e compõem a identidade individual e coletiva dos sujeitos das diversas comunidades que fazem parte de nossa sociedade. E que, portanto, para formar um cidadão, é necessário favorecer uma aprendizagem que leve os estudantes a reconhecer no seu convívio social as diferentes formas de falar e escrever.



O trabalho com a variação linguística exige que o professor se desfaça das amarras sociais, reconheça a heterogeneidade da língua e invista num ensino problematizador, no qual o aluno tenha consciência de que existe essa diversidade linguística, que existem situações comunicativas que permite o uso da língua de maneira mais informal e outras não, assim, apenas precisa compreender que existirão diversos espaços que exigirão diferentes usos da língua. Assim sendo, não há dúvidas de que a escola precisa desenvolver com os alunos atividades nas quais eles reflitam sobre a fala e suas variações a partir de situações de reflexão e de mimese sobre seu uso nos diferentes espaços sociais. (SOUZA; PESSOA, 2021).

Segundo Geraldi (2001), a oralidade deve ser entendida como uma prática discursiva legítima, tão importante quanto a escrita, devendo ser trabalhada na escola não apenas como técnica de fala, mas como prática social.

Trabalhar com metodologias inovadoras que favorecem o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, contribui para que eles demonstrem clareza, confiança, organização das ideias e boa articulação das palavras ao se expressarem, vencendo em muitos casos, a timidez.

Nesse sentido, a realização de uma Feira de Ciências para crianças da Educação Básica traz benefícios significativos para o desenvolvimento infantil, acadêmico, social e pessoal destas. Dentre os principais impactos esperados podem-se destacar o iniciação científica como fomento de interesse às crianças desde a primeira infância para a curiosidade, a pesquisa e a investigação científica, proporcionando aos estudantes da rede pública municipal a oportunidade de expor projetos de iniciação científica desenvolvidos no ambiente escolar.

À vista disso, as Feiras de Ciências, têm o compromisso de incentivar a popularização da ciência, a cultura científica nas escolas, a pesquisa, o empreendedorismo, a inovação e tecnologia, promovendo um espaço de integração entre estudantes, professores e comunidades, fortalecendo a educação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma maior compreensão e desenvolvimento das atividades orais em sala de aula, as crianças leram os Gibis “Eu, cientista?” e “Aprendiz de cientista”, da autora e organizadora Celicina Borges Azevedo (2016, 2018).



As histórias em quadrinhos trouxeram uma linguagem simples, atrativa, divertida e que chamou a atenção das crianças. Conforme Azevedo (2023, p. 23-25), na primeira etapa os alunos observam um fato, reconhecem nele um problema e buscam solucioná-lo. Na segunda etapa, que é o momento da pesquisa bibliográfica, eles reúnem informações sobre o assunto. Na terceira etapa, a partir das informações coletadas, procuram explicar o problema, planejar e realizar experiências para confirmar ou negar suas hipóteses. Na quarta etapa planejam e realizam experiências para confirmar ou negar suas hipóteses. Na quinta etapa eles tiram conclusões sobre o que descobriram nas experiências e as aplicam para dar resposta ao problema. E na sexta etapa é o momento de apresentar o trabalho na feira de ciências da escola.

Iniciamos as atividades com a o recurso da Tempestade de Ideias (TI). Durante esse momento, os alunos foram instigados a apresentar seus questionamentos. A aprendizagem mediada por perguntas para encontrar soluções, desenvolvendo assim um pensamento ativo, criativo e crítico nos alunos, é tratada por Freire (1985) na sua obra “Pedagogia da Pergunta”. Com base nessa metodologia, a reflexão foi conduzida enfatizando que os questionamentos podem surgir a partir do nosso entorno (na escola, na rua, em casa, no seu bairro) e de algo que possa estar acontecendo ao nosso redor.

Figuras 1, 2 e 3 - Realização da Tempestade de Ideias.



Fonte: Arquivos da professora. (2024).

Os alunos ficaram atentos e a maioria interagiu, expondo suas opiniões. Em seguida, ouviram a música “Oito anos”, da cantora Paula Toller, a partir da qual explicou se que para elaborar um projeto de pesquisa seria necessário uma pergunta: O que queremos aprender? Também realizamos um momento no pátio da escola em que convidamos todas as turmas para participarem da abertura dos trabalhos da Feira Kids na escola. Foi um momento de alegria e diversão em que as professoras realizaram vários



experimentos envolvendo as crianças e despertando o interesse dessas para desenvolver seus projetos das Feira de Ciências Kids.

Nesse clima, foram organizados em grupos de três, cada um com pelo menos uma criança alfabetizada, para que pudesse ajudar as demais. As professoras instigaram a autonomia das crianças, cientes de que ao professor cabe ajudar e orientar, mas que o trabalho é dos alunos e que o tema a ser estudado deve ser decidido em grupo. Isso lhes permite desenvolver independência, criar vínculo afetivo com o seu projeto e sentirem-se partícipes de todo o processo, pois ao trabalharem nessa perspectiva, estimula-se o trabalho em equipe, a comunicação oral e escrita e o senso de responsabilidade, melhorando também a autonomia dos estudantes, incentivando-os a buscarem solução a problemas diversos.

Em grupo, os alunos escreveram as suas curiosidades numa folha de ofício, as quais foram agrupadas por temas afins. Cada grupo discutiu quais das perguntas formuladas por eles poderiam ser respondidas a partir da pesquisa. Os passos seguintes foram de pesquisas, experimentos e apresentações em sala, sendo esses dois últimos pontos riquíssimos no processo de aprendizagem dos alunos.

Outro fator que contribuiu bastante para o desenvolvimento da oralidade das crianças foi a leitura das revistas de histórias em quadrinhos que apresentam o passo a passo da Metodologia Científica Ao alcance de Todos (MCAT). Após a leitura, eles apresentaram de forma oral um resumo sobre o gibi lido, e em seguida, registaram o resumo no Diário de Bordo.

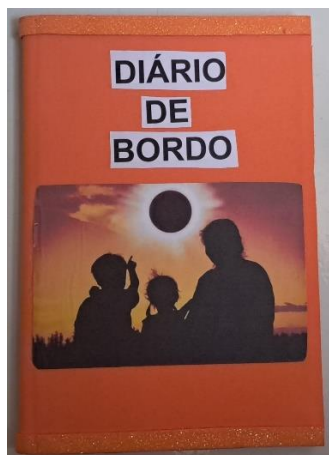
A noção de diário de bordo já remonta há alguns séculos. Antigamente, para além da bússola, entre outros elementos, as bitáculas (espécie de armário vidrado) dos navios continham um diário de bordo: um caderno que permite à tripulação de registrar/anotar de tudo aquilo que acontece ao longo de uma viagem, isto é, todas as informações que sejam relevantes. O diário de bordo também é usado noutras áreas. Os cientistas, a título de exemplo, costumam usá-lo para tomar nota e explicar os processos que vão adotando durante as suas pesquisas e investigações, e para partilharem as suas experiências com outros peritos. Servem, de alguma forma, de relatórios (Azevedo, 2016).

Tudo o que aconteceu foi por eles registrado no caderno, que assumiu a forma de “Diário de Bordo”. Segundo Azevedo (2016), o Diário de Bordo se configura [...] como um caderno que serve para anotações sobre tudo o que diz respeito ao seu projeto, seja algum artigo que você tenha lido, um experimento que tenha realizado ou uma entrevista com um especialista na área em que você está pesquisando (Azevedo, 2016).



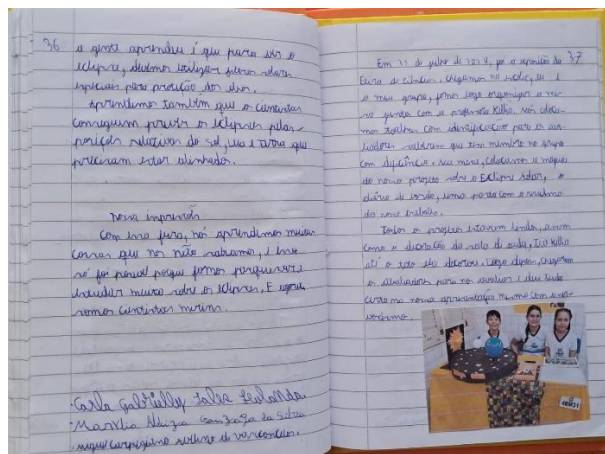
Em seus diários, as crianças foram orientadas a escrever todos os passos relacionados ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa, com as datas, os locais dos estudos e a assinatura do responsável pelas informações.

Figura 3 - Capa do diário de Bordo



Fonte: Arquivo da professora. (2024)

Figura 4 - Registro no Diário de Bordo.



Fonte: Arquivo da professora. (2024)

A oportunidade de participar das Feiras de Ciências nas escolas foi um momento ímpar na vida dos alunos. Algumas crianças que se encontravam em processo de alfabetização, consolidaram sua leitura e escrita, tornaram-se mais participativas e elevaram a autoestima. Destaca-se, também, a evolução de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentava timidez ao falar, e, de forma espontânea, começou a expor seus pontos de vista durante as aulas, na apresentação de trabalhos, além de desenvolver o seu repertório vocabular.

Figura 4 e 5 - Alunos e professora na Feira de Ciências da escola.



Fonte: Arquivo das professoras (2024).



Figuras 6 e 7 - Alunos e professora VI FECIRME



Fonte: Arquivo da professora (2024).

Ao apresentarem os resultados dos estudos, os alunos demonstraram clareza, organização das ideias e boa articulação das palavras. Além disso, expressaram seus pontos de vista, baseados nos estudos e nas descobertas, demonstrando segurança e desenvoltura. Pode-se dizer, então, que trabalhar com pesquisa nos anos iniciais favorece o desenvolvimento de diferentes linguagens nas crianças, até mesmo naquelas que com deficiências, como uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que conseguiu evoluir no seu repertório vocabular e expressar em palavras o que aprendeu nas fases da pesquisa.

Vale ainda destacar que, os alunos finalistas nas três fases da Feira de Ciências, participaram da abertura de premiação no Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, em Mossoró, com a declamação do poema sobre a FECIRME - Feira de Ciências da Rede Municipal de Ensino. E o que nos deixou muito feliz foi que uma das alunas com TEA, que não quis usar o microfone para ensaiar o poema, pegou-o na hora da apresentação, falando de forma clara e interagindo com o público. Decerto, a Feira de Ciências se constitui uma atividade imprescindível na formação do sujeito, por possibilitar aos pesquisadores mirins a oportunidade de se expressarem e de interagirem, além de contribuir para a divulgação do conhecimento científico na comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com pesquisa científica nos anos iniciais, permite a ampliação do conhecimento e desenvolvimento de diferentes habilidades, pois a participação dos alunos nas Feiras de Ciências Kids contribuiu com o processo de ensino e aprendizagem



de todos os alunos, inclusive dos alunos atendidos pela Educação Especial, como alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A experiência ao longo desses três anos como orientadoras de Feira de Ciências KIDS nos mostrou que o trabalho com a pesquisa e feira de ciências mediante a utilização da MCAT, contribui significativamente para oportunizar que as crianças possam ter, desde cedo, o contato com ciência e tecnologia no ambiente escolar, assim como, observamos o desenvolvimento da aquisição da leitura mais fluente, da escrita e da oralidade por estudantes em processo de alfabetização, colaborando assim para a formação plena dos educandos e promovendo a inclusão, demonstrando que a ciência pode ser prazerosa, envolvente e inclusiva.

Orientar crianças do 4º ano do anos iniciais para a Feira de Ciências, utilizando princípios e orientações do Método Científico para desenvolver trabalhos com teor de cientificidade, desperta em nós o sentimento de que essa não seria uma tarefa simples, haja vista lidarmos com crianças na faixa etária entre 9 e 10 anos, algumas delas ainda em processo de alfabetização. No entanto, com a formação promovida pelo Programa Ciência para Todos no Semiárido Potiguar, desenvolvido pela UFERSA, utilizando como recurso basilar a MCAT, com a Tecnologia Social Metodologia Científica Ao Alcance de Todos, foi possível desenvolvermos o trabalho com a Feira de Ciências em sala de aula de forma lúdica, atrativa e envolvente.

Logo, a escola não deve se preocupar somente com a instrução de conteúdos conceituais, cujo objetivo é voltado exclusivamente para a formação profissional do sujeito, ela também deve objetivar a construção da cidadania no âmbito escolar, promovendo uma aprendizagem significativa. Quando essa aprendizagem vem por meio de experimentos, pesquisa e com estímulos da curiosidade, os alunos sentem mais pertencimento ao estudo e, conseqüentemente, desenvolvem uma formação integral, mobilizando saberes e desenvolvendo competências. Isso está plenamente de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), documento que norteia as políticas públicas nacionais de educação básica e que diz que a educação integral é garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural, garantindo aprendizagens essenciais para os sujeitos.

Portanto, as experiências vivenciadas na comunidade escolar, pelos alunos e educadores em seu dia a dia, devem servir de suporte para a abordagem dos temas



interdisciplinares e transversais discutidos nas Feiras de Ciências escolares, aliando-se aos conteúdos curriculares e ampliando a possibilidade de desenvolver dentro e fora da escola conhecimento significativo, tornando-se via para a construção educativa. Deve também colaborar para a compreensão da realidade social e das responsabilidades na utilização desse conhecimento de forma efetiva em suas práticas sociais, dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Vérica de. **Feira de ciências**: contribuições para a alfabetização científica na Educação Básica. 2015. 134f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

ANDERY, Maria Amália P. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. 3º ao 5º ano – Oralidade no Ensino Fundamental. Parte 1 – Ep. 07. [S. l.]: MEC, 12 maio 2025. 1 vídeo (17 min 42 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytJP9suVVBc>. Acesso em: 29 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 29 set. 2025.

SILVEIRA, Afonso Magnus Fonseca da. **Feira de Ciências da Rede Municipal de Ensino – FECIRME**: inovação, cidadania, pensamento científico e inclusão na educação básica. 2025. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Mossoró, 2025.

AZEVEDO, Celícina Borges. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 3. ed. Barueri: Manole, 2013.

AZEVEDO, Celicina Borges et al. **Eu, cientista?** Mossoró: EdUFERSA, 2016.

AZEVEDO, Celicina Borges et al. **Aprendiz de cientista**. Mossoró: EdUFERSA, 2018.

AZEVEDO, Celicina Borges et al. **Metodologia científica ao alcance de todos (MCAT) e a geração de projetos para Feiras de Ciência**. In: CARVALHO, A. S.; OLIVEIRA, M. S. Educação científica e popularização das ciências: práticas multirreferenciais. Salvador: Edufba, 2016. 43- 58 p.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DUARTE, Maria Kélia De Araújo et al. **A contribuição das feiras de ciências para a aquisição da leitura e escrita:** um relato de experiência nos anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Mossoró/RN. Anais do X CONEDU... Campina Grande:



Realize Editora, 2024. Disponível em:
<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/109149>>. Acesso em: 29/09/2025.

SOUZA, J. T.; PESSOA, A. C. R. G. **As dimensões de ensino da oralidade nos materiais do pacto nacional pela alfabetização na idade certa em 2013**. Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 42, p. 24–35, 2022. DOI: 10.48075/rt.v17i42.27299. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/27299>. Acesso em: 29 set. 2025.

SOUZA, Julia Teixeira; PESSOA, Ana Claudia. **As dimensões de ensino da oralidade nos materiais do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa em 2013**. Revista Trama, v. 17, n. 42, p. 24-35, 2021.

